EDITORIAL

Kenia Ballvé Behr[1]

"Acidentes da sedução e submissão: para uma genealogia do supereu" é uma conferência proferida por Christophe Dejours na Jornada Anual da Constructo de 2023, quando o autor se posicionou frente ao tema da jornada, qual seja a reabertura do enigma do supereu, em busca de sua gênese e seu papel no equilíbrio psíquico. Identificando suas ideias como discrepantes em relação a Freud, Dejours se propôs a retomar o pensamento de Jean Laplanche a respeito do supereu. Além de discutir aspectos sobre a questão da submissão/sujeição *versus* obediência, ele também afirma que a sujeição, embora seja compatível com uma vida normal, se opõe à liberdade e à possibilidade de usufruir a vida a partir do próprio desejo do sujeito.

Como hipótese de partida, Dejours assinala que quando a submissão não é consequência de uma imposição do externo, aquilo que é inerente a ela pode ter origem no supereu.

Antes de iniciar a discussão clínica, o autor tece comentários sobre o pensamento de Freud em relação ao tema, fazendo, também, algumas referências ao que propuseram Jean Laplanche e Marta Rezende Cardoso, além de examinar a relação entre o supereu, seus encraves psicóticos, os acidentes da sedução e a tópica da clivagem.

---

1 Psicanalista, fundadora e docente da Constructo Instituição Psicanalítica, editora da Constructo Revista de Psicanálise, fundadora e sócia do Grupo Jean Laplanche Brasil.

 ISSN 2764-9032

Dejours se refere a interessantes casos clínicos, ressaltando o material de uma paciente que vive uma forma de intensa solidão, interessando-se somente por atividades que compartilhe com um outro, sendo a servidão uma das características mais evidentes em suas relações. Qualquer de suas autorrealizações é neutralizada pela dificuldade de se apropriar da mesma, o que só ocorre se existir nesta a presença de um outro. No amor, também necessita de outro a quem possa oferecer sua servidão.

Christophe Dejours traça, então, um paralelo entre a sujeição e a obediência, propondo haver uma clivagem entre o funcionamento neurótico-normal e uma servidão voluntária — uma sujeição acompanhada por um apagamento do Eu.

Referindo-se à história dessa e de outros pacientes, ele marca que a dimensão da violência vivida na infância destes determina mensagens intraduzíveis, que sedimentam medo e ódio, constituindo encraves psicóticos. Dejours também afirma que, na medida em que a submissão toma o espaço da tradução, a vontade do sujeito vai desaparecendo e, ali, se estabelece uma relação de profunda submissão ao outro, sem angústia e sem sofrimento por isso. O medo, provocado pela violência, parece determinar uma invisibilidade do Eu. Por isso, o autor afirma que o supereu submete o Eu. Os maus tratos vividos atuam como um bombardeio de mensagens intraduzíveis, que contribuem para a formação de um importante setor do inconsciente amencial e um Eu muito frágil, que só se desenvolve sob o domínio de um outro. Em alguns casos, essas mensagens podem ressurgir com a necessidade de punição e, muitas vezes, podem levar inclusive à compulsão de repetição.

A entrevista realizada com Jacques André por Kenia Ballvé Behr versa sobre questões relacionadas com a clínica dos traumatismos precoces severos que apresentam consequências graves na constituição do

 ISSN 2764-9032

psiquismo do sujeito. Alguns de seus pontos de vista são os seguintes:

Interrogado sobre a impossibilidade de associar do analisando, em razão da não existência de traços mnêmicos em relação ao trauma ocorrido, para o autor, o psicanalista não necessariamente precisaria de recursos técnicos especiais frente a esse impasse, justificando sua opinião ao afirmar que, embora não existam lembranças, existe uma memória do corpo que pode permitir ressurgir sinais de uma repetição/elaboração no espaço de transferência.

Ainda sobre mudanças da técnica psicanalítica clássica no atendimento desses pacientes, o autor afirma não ser necessário trocar a técnica, alertando que a solução poderia ser encontrada na opção entre a psicanálise e a psicoterapia.

Frente à ideia de que o amor transferencial seja uma saída para um estado paralisante de sofrimento, Jacque André entende que aquilo que o paciente mais necessita é a garantia de um enquadre fiável e permanente e, além disso, que ele tenha sobrepujado a necessidade, dando prioridade ao amor. Ainda em relação à transferência, o autor afirma que, antes da precariedade do ser em um paciente *borderline*, há nele uma grande fragilidade narcísica, afirmando, a partir de Freud, que o ser é uma abreviação de ser amado.

Acerca da relação entre analista e analisando, Jacques André afirma que é o amor transferencial que possibilita a existência do outro para o sujeito, um outro que será recebido em um tempo adequado e que, muitas vezes, mantém uma relação específica com a análise da contratransferência do analista.

Jacques Andrés se refere a Federn, Esther Bick e Anzieu, que trabalham

 ISSN 2764-9032

a intersubjetividade do Eu, o *Nebenmensch* de Freud, referindo que o Eu deve estar suficientemente assegurado no traçado de suas fronteiras.

Confrontado com o fato de que o aspecto central da TSG seria a teoria da tradução e de que, no caso de um fracasso total da tradução, o sujeito que não a efetivou seria, então, possuído por ela, nosso entrevistado está de acordo com a proposta de Jean Laplanche em relação ao aporte da situação antropológica fundamental acerca do tema, embora questione fortemente a solução que parte da "sedução generalizada" laplancheana.

Frente à nossa pergunta sobre quais aspectos ainda estão confusos e quais outros se constituem em contribuições efetivas na compreensão da gênese e da abordagem clínica dos "estados limites", nosso autor deu uma breve resposta, embora seja plena em seu conteúdo psicanalítico. Ele afirmou que tomar para si o amor de transferência do qual se é objeto, assim como tomar para si o amor de transferência materno do qual se é objeto, são ambos erros técnicos. O autor finaliza afirmando que a psicanálise repousa em um método muito específico que nem sempre é possível ou efetivo nos processos terapêuticos.

O artigo "Entre enigma e efração: uma necessária surdez do analista" reproduz a conferência proferida por Laurence Kahn na Jornada Anual da Constructo de 2022. A autora examina a complexidade da dinâmica da transferência e da contratransferência na prática psicanalítica, destacando sua importância tanto para o paciente quanto para o analista. Nesse sentido, ela aborda como a espera consciente por parte do analista pode auxiliar na superação dos movimentos resistenciais do paciente e, assim, permitir que o material inconsciente possa emergir. Para tanto, a autora discute a necessidade de o analista enfrentar-se com sua própria contratransferência e, desse modo, impedir interpretações precipitadas que possam ser prejudiciais para a relação transferencial.

 ISSN 2764-9032

Laurence trabalha a questão da transferência e da contratransferência a partir do emblemático caso Dora. A autora utiliza os equívocos cometidos por Freud na relação transferencial com sua paciente como uma forma de argumentar sobre a importância da capacidade de espera do analista. Nesse sentido, ela ressalta que uma interpretação prematura e excessiva (da ordem do excesso traumático e da efração) pode prejudicar a compreensão do paciente e impedir o avanço do tratamento analítico, tal como se passa no caso freudiano.

Por fim, a autora aborda, na conferência, o papel da representação de espera. Tal como explicado por Freud, esta é vista como uma mudança significativa no processo terapêutico e consiste em fornecer ao paciente uma representação consciente que se assemelha à ideia inconsciente recalcada, podendo facilitar a superação das resistências. Desse modo, a utilização adequada da representação de espera pelo analista é crucial para evitar o uso precipitado da interpretação, permitindo a emergência do desconhecido. É esse o sentido último da metáfora da surdez analítica de Freud, da qual Laurence faz uso e nos permite refletir sobre os caminhos e obstáculos da escuta e da contratransferência do analista.

O artigo "Não me toque: o corpo em cena nos casos não neuróticos", proposto por Déborah J. da S. Dalcol, tem como objetivo compreender as consequências da violência do adulto no corpo da criança, nas costuras entre as vinhetas de um caso clínico de uma patologia não neurótica e a teoria do corpo desenvolvida por Christophe Dejours.

A autora afirma que as contribuições de Freud sobre a relação entre o corpo e o psiquismo, embora não tenham sido muito ricas, geraram importantes inícios para que os desenvolvimentos da psicossomática pudessem avançar. Ela também afirma que o desenvolvimento do estudo das doenças do corpo se movimentou mais no âmbito econômico, sem

 ISSN 2764-9032

dar a mesma atenção para as causas psíquicas.

A autora propõe a integração proposta por Dejours entre o nível biológico e o psíquico, assim como a existência de dois corpos, o biológico e o erótico, este último com origem no corpo fisiológico. As zonas erógenas se deslocam das funções fisiológicas para serem subvertidas na construção do corpo erótico, sendo o processo resultado das relações entre o corpo e suas funções a partir dos cuidados corporais oferecidos pelo adulto à criança, no contexto da TSG de Laplanche.

A partir de então, a autora rastreia de uma forma clara e precisa os aspectos fundamentais da teoria do corpo dejuriana. Ela inclui também um material clínico, no qual descreve a relação entre a criança e o adulto desde o início da vida, esclarecendo o modo como o paciente se mostra, de que modo vão surgindo os aspectos da metapsicologia que nele habitam e as intervenções clínicas que utiliza, sempre a partir da proposta teórico-clínica de Christophe Dejours, assentadas na transferência que vai inundando a relação de ambos e descortinando a história infantil do analisando.

No artigo "Vicissitudes e destinos do Eu na teoria e na situação psicanalítica", os autores Raissa de Matos Ribeiro e Fábio Roberto Rodrigues Belo abordam o tema do Eu, enfatizando sua característica de ambiguidade na clínica psicanalítica, assim como na história da psicanálise. Os autores discutem as oscilações do tema em Freud, partindo das propostas de Jean Laplanche a respeito das origens do aparelho psíquico e do papel da alteridade na constituição da tópica psíquica. Assim, eles sustentam a hipótese de que a importância da constituição pulsional e alteritária do Eu permitem considerar que as funções tradutivas desta instância precisam ser constantemente reinvestidas, sendo este um dos papéis do analista.

 ISSN 2764-9032

Os autores seguem os comentários de Laplanche em relação às profundas oscilações de Freud em seus principais artigos sobre o Eu, asseverando ter havido um desvio freudiano quanto à sua própria inovação.

Um dos pilares da investigação dos autores se relaciona ao fato de que o Eu, ao ser introduzido como conceito por Laplanche, pode ser compreendido como uma noção relacionada com a pulsão de morte — o psiquismo precisa se defender de algo interno. Dessa forma, a instância egoica pode ser associada à necessidade de proteção frente a esse ataque que vem de dentro, a partir dos elementos sexuais invasivos que se inserem no psiquismo infantil, decorrentes dos cuidados do adulto para com a criança.

A partir daí, os autores discutem os conceitos de Eu e de recalcamento na teoria da sedução generalizada, onde Jean Laplanche trabalha a alteridade na gênese do psiquismo infantil e o processo tradutivo, e consideram, então, alguns impasses da proposta laplancheana acerca do conceito do Eu na prática clínica.

"Interpretar, construir, adivinhar: o corpo conjectural", artigo escrito por Alberto Luchetti, parte da importância de distinguir uma razão científica e experimental de uma razão conjectural (ou indiciária). Luchetti trabalha as ideias de Peirce, afirmando que este autor defende que a razão se articula em três formas que constituem o cerne tanto do científico como do processo do pensamento. Cada uma se apresenta diferentemente no que diz respeito às conjecturas e às certezas. São solidárias entre si, constituídas pela dedução, indução e abdução. Para o autor citado por Luchetti, a abdução é equivalente ao adivinhar, devido à sua criatividade e ao seu espaço para questionar aquilo que a sustenta. Uma capacidade puramente instintual, enraizada no instinto animal.

 ISSN 2764-9032

Entre outros estudos sobre o tema, Luchetti cita Carlo Ginzburg, que delineou um método indiciário, que possui raízes muito antigas, propondo inserir o pensamento e o método freudiano nesse paradigma para atingir um conhecimento e uma transformação do individual. O autor se refere também a Giovanni Vassali, o qual retomou uma metodologia baseada na observação e na percepção visual, uma razão conjectural baseada em formas sensoriais da percepção e uma observação minuciosa.

Tomando especificamente a psicanálise, o autor afirma que o adivinhar equivaleria ao indiciário e à razão conjectural da *tèchne*. Em ambos está presente uma parte do funcionamento psíquico do analista na relação com o outro.

A partir dessas considerações, nosso autor tece reflexões sobre o trabalho psíquico do analista, sua contribuição pessoal, a captação em uma figuração de traços perceptivos não representacionais, que emergem através de um estado regressivo preliminar do pensamento. O adivinhar do analista não se reduziria a uma atividade cognitiva e consciente. Trata-se de uma dupla função possível: para uma transferência do infantil ou para a criação de um infantil posteriormente transferível.

Luchetti propõe também que, em relação à terceira tópica (Laplanche/Dejours), na origem do adivinhar, encontra-se, antes de tudo, o inconsciente encravado: o que foi implantado no corpo da criança, ainda não traduzido, e aquilo que foi intrometido/intraduzível. O adivinhar envolveria o não traduzido (encravado), mas também o não traduzido de cada tradução (recalcado). O autor discorre sobre as formas sob as quais o adivinhar pode emergir, seja a partir do sonho contado pelo paciente ou de narrações deste acerca de situações traumáticas, referindo-se ao duplo visual do sonho e à imagem mental que se produz no analista. Segundo sua opinião, compartilhada por vários psicanalistas, a narrativa

 ISSN 2764-9032

de um traumatismo ou de um sonho, as sensações corporais provocadas e mantidas na lembrança pelas narrativas e imagens, são restituídas quando testemunham a regressão transferencial do paciente em relação com os conteúdos regressivos da vida psíquica do analista, desde que este entre em contato com eles.

BOA LEITURA A TODOS!

ISSN 2764-9032